



13^a REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2553 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)
GT 06 - Educação Popular

EDUCANDO NA RUA: SER SENDO (TRANS) EDUCADORA SOCIAL
Rodrigo Bravin - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo
Hiran Pinel - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo

O objetivo deste artigo é descrever compreensivamente a educação social construída por uma (trans) educadora social. Para isso, foi adotada como perspectiva teórica a fenomenologia existencial fundamentada nas contribuições de Paulo Freire (2005). A produção dos dados aconteceu a partir da adoção da história oral e de vida, tendo como técnica para produção a entrevista não diretiva. O ser (trans) educadora social se produz com um descer do salto para promover rebeldias na mundanidade da rua buscando ser mais (Freire 2005) e construir uma educação fundamentalmente revolucionária. A experiência da drogadição, da exclusão não impediu que a educadora social transformasse a rua em um local não só de moradia e trabalho, mas também de resistência e promoção da cidadania.

Palavras-chave: Pedagogia social. Educadora social. (Trans) educadora.

EDUCANDO NA RUA: SER SENDO (TRANS) EDUCADORA SOCIAL

Resumo

O objetivo deste artigo é descrever compreensivamente a educação social construída por uma (trans) educadora social. Para isso, foi adotada como perspectiva teórica a fenomenologia existencial fundamentada nas contribuições de Paulo Freire (2005). A produção dos dados aconteceu a partir da adoção da história oral e de vida, tendo como técnica para produção a entrevista não diretiva. O ser (trans) educadora social se produz com um descer do salto para promover rebeldias na mundanidade da rua buscando ser mais (Freire 2005) e construir uma educação fundamentalmente revolucionária. A experiência da drogadição, da exclusão não impediu que a educadora social transformasse a rua em um local não só de moradia e trabalho, mas também de resistência e promoção da cidadania.

Palavras-chave: Pedagogia social. Educadora social. (Trans) educadora.

Introdução

O presente artigo apresenta um recorte de dissertação de mestrado "(Trans) pensando a educação social: os sentidos de ser (trans) educadora social" cujo objetivo foi descrever compreensivamente os sentidos de ser (trans) educadora. Nesse texto a proposta é descrever compreensivamente a educação social produzida por uma travesti que é educadora social

Brandão (2007) ensina que não existe somente uma educação e que não é apenas a escola que educa. Da família à escola, passando pela rua, acontece educação e ela pode ter diversas características. Pode servir para manter e aumentar as desigualdades ou ainda para questioná-las e superá-las.

Antes de qualquer organização, a educação acontece e ela se manifesta de tantas formas que parecem imperceptíveis frente ao padrão que estamos acostumados que é o de pregar uma placa com o nome escola (BRANDÃO, 2007).

Por isso, compreender que tipo de educação se produz "na margem" nos fez buscar conhecer a educação social inventada na rua por uma educadora social trans. Dentro desse contexto, é importante questionar algumas posições que afirmam que a população trans aceita viver a exclusão passivamente e que somente a escola formal é capaz de produzir educação.

Fundamentos da Pedagogia Social

A pedagogia social é definida por Rynänen (2014) como uma perspectiva direcionada ao desenvolvimento de capacidades sociais, que reconhece não haver possibilidade de separação entre pessoas e comunidades. Por isso, estimula a participação de indivíduos e grupos afirmando que a educação é parte integrante da sociedade.

Graciani (2014) reforça que a ciência Pedagogia Social é uma proposta aberta que se adapta às demandas populares vislumbrando a superação do passado e propondo uma nova sociedade mais humana e construída por múltiplas vozes.

A pedagogia social se difere da pedagogia escolar por ter como um dos seus objetivos atender todos aqueles que a instituição formal escola não alcança (CALIMAN, 2006). Seu movimento é diverso, plural e principalmente crítico, visando produzir reflexão e a desnaturalização da desigualdade.

Travestilidade em perspectiva: entre corpos e mundos

Os seres humanos vivenciam seus corpos de diversas maneiras, transformando-os em meios de expressão. Nesse sentido, o corpo é uma expressão simbólica que fala e que carrega o mundo em si, contrapondo-se à teoria cartesiana que o divide em partes.

Não faço contato com o mundo simplesmente pensando sobre ele, como diria Descartes, mas experimentando-o com os sentidos, agindo sobre ele, por meio das mais elaboradas tecnologias até dos movimentos irrefletidos mais simples, e tendo sobre ele sentimentos que cobrem toda a gama de complexidade e sutileza. É a partir do contato com o mundo por meio do meu corpo que resulta na significação dos objetos para mim: experimento as coisas à minha volta não como objetos distanciados, mas tendo como tendo significado emocional, sensual, prático e imaginativo (DAVI, 2013, p.54).

Pensar o corpo apenas sob uma perspectiva biológica é enquadrá-lo, limitá-lo e torná-lo algo estático, imutável. A sexualidade, dentro desse processo, é construída pelo corpo em contato com o mundo. Merleau-Ponty (2011) entende que o corpo não é algo original e nato. Por isso, a sexualidade afeta a experiência que uma pessoa tem com o mundo, quando ela é lançada nesse mundo.

O corpo fala, mas não fala sozinho, fala com alguém, fala para um outro, sua essência é dialógica. A capacidade expressiva do corpo transcende os mecanismos de sua fisiologia, revelando sua segunda natureza: o social. Merleau-Ponty (2006) explica esta comunicação como uma forma de comunhão com o outro, na qual um sujeito retoma a intenção expressa no corpo do outro, permitindo que ela reverbere em seu próprio corpo (REIS, 2011, p. 43).

O corpo em Merleau-Ponty (2011) é muito mais que órgãos e ossos, na verdade é a porta de entrada no mundo. De uma forma geral, instituições sociais como a família e a religião tentam impor formas de existência para o corpo dentro uma perspectiva que aceita somente a heterossexualidade. Essas imposições ignoram as formas de ser no mundo que grupos sociais como o público LGBT constroem. Por isso, entendo ser necessário conhecer os sentidos que uma educadora social trans atribui à sua experiência.

Para Merleau-Ponty (2006) o corpo é um ser sexuado. A vivência e a expressão da sexualidade humana, com suas diferentes possibilidades, igualmente apontam para uma subjetividade encarnada. Cada sujeito, ao mesmo tempo em que baliza sua expressão sexual a partir de modelos socialmente instituídos, também descobre por seu próprio corpo um modo também próprio de viver sua sexualidade (REIS, 2011, p. 44).

A realidade mundana se desvela para o homem por meio de seu corpo. Desde as tarefas que são consideradas mecânicas às mais complexas. Por isso, o corpo não pode ser considerado algo nato, dividido em partes e coordenado pelo espírito. Merleau-Ponty (2011, p. 203) ressalta que o corpo “[...] é no espaço [...]” e liga o homem ao mundo.

Entre corpos, marcas e poder

“A vida e a morte sempre andam junto com a travesti. Em vários momentos e situações eu estive entre essas duas coisas”... (Lady Débora).

Ao longo da história da humanidade corpos têm sido utilizados para determinar posições de cada pessoa dentro da sociedade e comportamentos aceitáveis. “[...] os sujeitos vêm sendo indiciados, classificados, hierarquizados, e definidos pela aparência de seus corpos; a partir dos padrões e referências, das normas, valores e ideais da cultura” (LOURO, 2008, p. 75).

Peres (2015) aponta para a existência de um bio-poder enraizado nas normas e leis que impõe limite aos corpos e determina práticas sexuais aceitáveis. Nessa perspectiva, os corpos precisam ser reprodutivos e dóceis para que não sejam punidos.

Borillo (2010) afirma que a homofobia se produz na união de estruturas psíquicas e um sistema social que se constrói impondo a heterossexualidade monogâmica como uma forma de viver o corpo. [...] A interação do psicológico e do social é que deve ser questionada para se compreender melhor os elementos constantes que facilitam, incentivam ou banalizam a homofobia [...] (BORILLO, 2010, p.87).

O sexo e a sexualidade são produtos na cultura que, muitas vezes, é naturalizada a partir dos processos de socialização a que somos submetidos. Gonçalves dos Santos (2015, p. 27) apresenta uma importante contribuição ao dizer que:

Gênero, sexo e sexualidade são instâncias diferenciadas, que se misturam no social de forma intrigante. A sociedade ocidental, principalmente a partir do século XIX, definiu uma associação entre esses três elementos, da qual podemos extrair a seguinte definição: masculino-homem-heterossexual-, em oposição à sequência: feminino-mulher-heterossexual. O embaralhamento dessa organização, e a possibilidade de inserir a categoria homossexual em uma das duas, foi considerado como uma patologia, um desvio ou até mesmo um crime [...].

Nos processos de socialização, as crianças vão assistindo e assimilando comportamentos e formas de enxergar o

mundo. Essas práticas são ensinadas por instituições sociais como a família, a religião, a escola, etc., se tornam verdades e fundamentam a vida vivida desse público.

À travesti é atribuído o papel de desestabilizadora da ordem, já que ela demonstra ser o gênero, o resultado de um esforço performático e não biológico; a construção do gênero não é um *continuum* do sexo que o indivíduo apresenta. No caso das travestis esta consideração fica patente: ainda que seu sexo seja culturalmente definido como de homem, na medida em que ao nascer se lhe foi identificada a genitália masculina, o pênis; as travestis atuam na produção do gênero feminino. Elas dedicam parte considerável de seus dias na (re) elaboração de uma feminilidade que tenha reconhecimento social [...] (GONÇALVES DOS SANTOS, 2015, p.55).

Por enfrentarem as normas impostas, elas sofrem com a homofobia, inclusive dentro de suas próprias casas, quando começam a fazer modificações em seus corpos. Tendo a rua como único destino, as travestis tecem redes de solidariedade entre elas e produzem saberes para enfrentar cotidianamente o “problema” que é romper com as normas de gênero.

Histórias que produzem Lady Débora

Lady Débora nasceu em Vitória – Espírito Santo, no ano de 1979. Atualmente mora no município da Serra, onde vive com seu filho. Nascida em uma família cristã evangélica com outros oito irmãos, ela afirma que desde cedo se sentia desconfortável com a masculinidade que lhe era imposta.

Ao falar sobre seu processo de inserção na escola, a educadora o descreve como um pouco problemático por ter sofrido preconceitos. Isso fez com que se envolvesse com outros colegas, que também eram estigmatizados no ambiente escolar.

Na adolescência, Lady Débora lembra a dificuldade de se encaixar na igreja protestante Assembleia de Deus, que sua família frequentava. Por isso, acabou se envolvendo com as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) da Igreja Católica, onde se encontrou e iniciou sua militância e defesa dos direitos humanos.

Aos 20 anos, Lady Débora adota uma criança e sua vida muda completamente. Impedida de trabalhar na rua, ela inicia um processo de empoderamento que a conduz por caminhos de luta e envolvimento com a população LGBT. Atualmente, a educadora faz parte de Conselhos de Direitos, é diretora da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABLGST), a maior entidade do Brasil, da América Latina e Caribe, faz parte da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) e coordena o Grupo Orgulho Liberdade e Dignidade (GOLD) com sede em Colatina – ES.

Mesmo diante de tantas dificuldades para se desenvolver como ser humano, a educadora conseguiu transformar dores, tristezas e privações em bandeiras de luta e militância. E o faz muito bem sendo reconhecida no Espírito Santo e no Brasil como uma das mais importantes lideranças do Movimento LGBT.

Apresentação e resultados

Ao buscar descrever a educação social produzida por uma (trans) educadora, as categorias compromisso, resistência e educando na rua, se desvelaram como centrais na compreensão do fenômeno e para as descrições.

A educação social produzida por Lady Débora está fundamentada no compromisso com a população trans e ser educadora social é estar misturada com a defesa da cidadania dessa população e no cotidiano causar desconforto questionando brincadeiras e falas preconceituosas que foram naturalizadas em nossa sociedade.

“[...] Então, militante / educadora eu acho que é isso, é um compromisso com a população, com os direitos de quem não entende desse processo natural do preconceito entendeu? São muitas coisas, eu acho que não dá para definir não”.

Freire (2005) ensina que o amor pela causa dos oprimidos é comprometer-se. O amor é um ato de coragem que se materializa no compromisso decorrente da percepção do outro. As práticas da educadora social demonstraram a preocupação de defender a dignidade da população trans e proteger colegas de escola que experimentaram, assim como ela, a exclusão.

Ser educadora social é segundo Freire (S/D) ter coerência com o que se fala e o que se faz. Ter compromisso é envolver-se com o outro de tal forma que se torna um viver-com-o-outro, no qual as diversas formas de sofrimento entrelaçam pessoas e motivam a construção de um mundo humanizado, onde seja possível a convivência das diferentes formas de existência.

Ser Lady Débora (trans) educadora social é caminhar entre a vida e a morte tendo o medo como uma ferramenta de proteção. É experimentar o que Paulo Freire (2005) chama de situação-limite, produzindo novas possibilidades.

“[...] A vida e a morte sempre andam junto com a travesti. Em vários momentos e situações eu estive entre essas duas coisas e mesmo que as pessoas não acreditem e discordem da fé, a fé foi muito importante para mim por que ter esse temor do medo, do cuidado, do agradecer e o medo da maldade das pessoas me ajudou por que talvez eu não estivesse aqui. [...]”.

A rua é o local de construção para muitas travestis. É para lá que vão após serem expulsas da família, da escola, da religião e é onde vivem, trabalham e produzem seus corpos e identidade. Lady Débora mostra nas suas falas o perigo que é viver na rua e depender da prostituição como forma de sustento. É preciso construir estratégias para enfrentar clientes, cafetões, traficantes, chuva, frio e também outras travestis que disputam espaço em ruas e avenidas das cidades.

“É o meu papel nesse momento enquanto eu estou no shopping tomando um capuccino com muita gente circulando, pensar que eu estou gravando uma entrevista, mas falando das pessoas que estão ali na chuva agora que estão fazendo programa e que terão que pagar a diária quando chegar em casa. E aí ela não vai ter dinheiro hoje porque a chuva caiu, porque o cliente não vai pegar, ela está sem sombrinha e ela vai ter que assaltar, vai ter que roubar, vai ter que se drogar para aguentar o frio. Entendeu? Não é do estado não vai poder entrar, o traficante criou problema, um espertinho quer o dinheiro dela. Então é o seguinte: esse momento meu não é para aparecer, esse momento meu é para falar daquelas pessoas que neste momento não têm esse espaço aqui”.

Na mundanidade da rua, a educadora inventou possibilidades pedagógicas para que a população trans saísse da invisibilidade para ser mais (Freire, 2005). Sua prática política é libertadora por reconhecer seus pares como seres que estão sendo e, por isso, inacabados e inconclusos. Nesse sentido, Lady Débora ensina que as travestis não podem ser conhecidas/associadas apenas à prostituição mesmo que muitas delas dependam desse trabalho.

Por fim, Ser Lady Débora (trans) educadora social é educar no “chão da rua” para produzir uma (trans) educação adaptada ao movimento da rua, reconhecendo esse espaço como local de trabalho, transformando situações desumanizantes em meios de segurança e materializando formas de transgressão.

Eu tinha um olhar diferenciado. Eu criei sistemas de segurança na rua com placas do carro, de marcar com tijolo na parede a placa do carro, coisa que ninguém tinha. Como eu trabalhei como estagiária, não era adolescente aprendiz o nome, eu conhecia emblemas. Eu conseguia diferenciar para as meninas o valor do preço pelos emblemas. Eu conhecia emblema da Garoto, emblema da Vale, emblema da CST e quem morava em Vila Velha por que tinha aquele sistema da terceira ponte. Foram algumas coisas que eu falava com as meninas, elas assistiam pouco jornal. Então eu sabia quem era filho de delegado que falou sobre o crime no jornal e estava saindo com a gente. Tudo isso eu trouxe da escola, da comunidade, por que eu tinha que assistir essas matérias por causa da igreja, por causa do movimento popular.

A rebeldia de se levantar contra condições perversas faz de nossa educadora uma defensora da vocação para ser mais (Freire, 2005). Lady Débora traz nos seus relatos provas cabais de que seu ser-com-o-outro é fundamentado em rebeldias cotidianas que se transformaram em ações revolucionárias em favor dos excluídos, grupo do qual ela fez parte.

Considerações Finais

Longe da educação ofertada dentro das escolas se produzem formas de sociabilidade que merecem ser conhecidas e descritas. São as resistências cotidianas que a população trans constrói e reconstrói como forma de empoderamento em uma sociedade que, em diversos momentos, lhes nega a cidadania. Essa educação social é uma legítima ferramenta de enfrentamento e de não aceitação das desigualdades.

Nesse sentido, qual o tipo de educação que se produz na “margem”? Esse foi um questionamento que fizemos ao iniciar o trabalho e para tentar respondê-lo mergulhamos de forma ética e comprometida no mundo-vida de uma (trans) educadora social com relevante atuação no movimento LGBT capixaba e brasileiro. Essa colaboradora, que construiu junto conosco a pesquisa, dispôs-se generosamente a narrar/(re)inventar sua história de vida e cotidiano para que pudéssemos nos envolver e captar os sentidos de sua existência.

O Ser Lady Débora (trans) educadora social se produz com um “descer do salto” para promover rebeldias na mundanidade da rua. Essas transgressões cotidianas buscando o ser mais acompanham o que defende Freire (2005) quando ensina que a tarefa do educador é contribuir para a humanização do mundo.

O Ser Lady Débora (trans) educadora social se materializa em um ser-da-esperança que ama as pessoas e o mundo, que não se esquiva de espalhar amorosidade, que aprende com seus pares e demonstra gratidão. Mas, o Ser Lady Débora (trans) educadora social se funda na subversão de normas para construção/produção de uma (trans)educação fundamentalmente revolucionária.

Referências

BORILLO, Daniel. **Homofobia**: história de um preconceito. Belo Horizonte – MG: Autêntica 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 2007.

CALIMAN, Geraldo. **Fundamentos teóricos e metodológicos da pedagogia social na europa (Itália)**. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC000000092006000100015&script=sci_arttext>. Acesso em: 18 de abril de 2018.

DAVI, Edmar Henrique Dayrell. **Belíssima**: um estudo merleau-pontyano da corporalidade travesti. 29/07/2013. 184 F. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade de São Paulo, São Paulo.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Virtudes do educador**. Disponível em: <http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/cmet/material/Paulo-Freire-Virtudes-do-Educador.pdf>> . Acesso em: 16 de abril de 2018 mar.

GONÇALVES DOS SANTOS. Rafael França. **As aparências enganam?** a arte do fazer-se travesti. Curitiba – PR: Appris, 2015.

GRACIANI, Maria Stela. **Pedagogia Social de Rua**. São Paulo: Cortez. Instituto Paulo Freire, 2014.

LOURO, Guacira. Lopes. **Um corpo estranho**: Ensaio sobre teoria queer. Belo Horizonte –MG: Autêntica, 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

PERES, Willian Siqueira. **Travestis brasileiras**: dos estigmas à cidadania. Curitiba: Juruá, 2015

REIS, Alice Casanova dos. **A subjetividade como corporeidade**: o corpo na fenomenologia de Merleau-Ponty. Disponível em: <http://www.saosebastiao.sp.gov.br/ef/pages/linguagem/experiencia/leituras/f1.pdf>> Acesso em: 08 de abril. 2018.

RYYNANEM, Sanna. **Os fundamentos de uma pedagogia social crítica**. Disponível em: [https://periodicos.set.edu.br/index.php/educacao/article/view File/1632/979](https://periodicos.set.edu.br/index.php/educacao/article/view/File/1632/979)>. Acesso em: 08 de abril 2018.